

Ensino de Língua Inglesa para Alunos com Deficiência Intelectual:

Um estudo bibliográfico

English Language Teaching for Students with Intellectual Disabilities:

A bibliographic study

Nathály Roberta Coracim¹

Ana Paula de Freitas²

RESUMO: Este estudo teve como objetivo geral investigar como tem ocorrido o ensino de língua inglesa para crianças com deficiência intelectual. Especificamente, a investigação visou: 1) identificar os desafios no ensino de língua inglesa a alunos com deficiência intelectual; 2) conhecer as dificuldades dos professores ao atuar no ensino dessas crianças dentro da sala de aula e durante sua própria formação, e 3) reconhecer como o tema do ensino de línguas para crianças com deficiência tem sido abordado nos cursos de licenciatura em Letras. A metodologia se fundamentou em uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Os bancos de pesquisa consultados foram: banco de dados do Portal de Periódicos da Capes, Google Acadêmico e Scielo. Em consonância com a teoria histórico-cultural, as análises, de cunho explicativo, indicaram que são muitos os desafios para ensinar a língua inglesa para alunos com deficiência, tais como, a busca pelas estratégias e recursos para promover uma aprendizagem que seja significativa para esses alunos e a pouca experiência docente com esse público. O baixo número de pesquisas encontradas nos faz questionar se o tema é de interesse dos pesquisadores ou se crianças com deficiência intelectual não têm tido acesso à língua inglesa, o que geraria poucos estudos com essa abordagem. Os estudos analisados permitem reflexões sobre a busca de caminhos de aprendizagem para todos os alunos, o que implica em políticas públicas efetivas em prol de uma educação verdadeiramente inclusiva.

PALAVRAS-CHAVE: pesquisa bibliográfica, educação inclusiva, ensino da língua inglesa, deficiência intelectual, formação docente.

ABSTRACT: This study had the general objective of investigating how English has been taught to children with intellectual disabilities. Specifically, the investigation aimed to 1) identify the

¹ Graduanda em Letras pela Universidade São Francisco e bolsista PIBIC/CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-9720-776X>. E-mail: nathalycoracim.55@gmail.com

² Doutora em educação, docente do programa de pós-graduação em educação, docente dos cursos de pedagogia e letras, bolsista produtividade CNPq nível E. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1570-1996>. E-mail: freitas.apde@gmail.com



challenges in teaching English to students with intellectual disabilities; 2) understand the difficulties faced by teachers when teaching these children in the classroom and during their own training, and 3) recognize how the topic of teaching languages to children with disabilities has been addressed in Bachelor of Arts courses. The methodology was based on qualitative bibliographic research. The research databases consulted were Capes Periodicals Portal database, Google Scholar and Scielo. In line with the historical-cultural theory, the analyses, of an explanatory nature, indicated that there are many challenges in teaching the English language to students with disabilities, such as finding strategies and resources to promote learning that is meaningful for these students and that demands little teaching experience with this audience. The low number of studies found makes us question whether the topic is of interest to researchers or whether children with intellectual disabilities have not had access to the English language, which would generate few studies using this approach. The studies analyzed allow reflections on the search for learning paths for all students, which implies effective public policies in favor of a truly inclusive education.

KEYWORDS: bibliographic research, inclusive education, English language teaching, intellectual disability, teacher training.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Uma das premissas da educação é o processo de inclusão de pessoas com deficiência no contexto das escolas comuns. Com isso, aumenta a demanda por uma educação de qualidade que propicie o desenvolvimento integral de crianças e jovens com deficiência que as frequentam.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/1996) impôs à educação escolar um novo desafio: a inclusão de alunos com deficiência em escolas de ensino regular, visando a seu aprendizado respeitando suas possibilidades desenvolvimentais. A escola costuma ser, para além do convívio familiar, o primeiro ponto de contato entre as crianças com ou sem deficiência e o mundo externo. Elas podem aprender e interagir com outras pessoas que não estão inseridas em seu grupo familiar e obter conhecimentos neste espaço significativo. Além disso, a criança adquire responsabilidades de uma rotina, o que contribui para o entendimento do mundo no qual está inserida e para a diferenciação entre ela e as outras pessoas/crianças. A função primordial da escola é possibilitar o desenvolvimento cultural a todas as crianças, com acesso aos conhecimentos elaborados pela humanidade ao longo do tempo (Saviani, 2015).

A política de educação inclusiva em curso no país é fundamental para garantir às crianças com deficiência o direito de estar na escola e aprender nela. Um passo fundamental para a efetivação da educação inclusiva está nas salas de aula das universidades; em outras palavras, na



formação docente (Michels, 2021). Para Michels (2021), a formação docente inicial para lidar com os estudantes com deficiência vem ocorrendo de forma massificada e aligeirada, em geral em cursos privados na modalidade a distância. Santos (2023) entrevistou professores para conhecer os desafios que enfrentam na atuação junto a estudantes com deficiência na sala comum. Os achados do estudo revelaram que os expoentes consideram que a formação, tanto inicial como continuada, não tem sido suficiente e é desvinculada da realidade escolar, apresentando pouca articulação entre os conteúdos abordados e as demandas concretas do cotidiano da escola. Nessa direção, o estudo de Gomes e Machado (2020) revelou que os professores se sentem pouco preparados para as demandas relacionadas ao ensino de alunos com deficiência. Para os autores, é fundamental que os professores sejam formados para conhecerem as especificidades de seus alunos.

Além do problema da formação docente, consideramos que um agravante para os desafios do ensino de língua inglesa aos estudantes com deficiência intelectual (DI) foi o cenário da pandemia da Covid-19, doença que assolou o mundo especialmente entre os anos de 2020 e 2021, convertendo o ensino em remoto, com diferentes nuances e arranjos, a depender das condições concretas das redes de ensino e das famílias. Pesquisas revelam que os estudantes com deficiência tiveram muitas dificuldades para se inserirem nesse formato. Além disso, em muitos casos, o ensino aos alunos com deficiência ficou somente a cargo dos serviços de apoio, como o atendimento educacional especializado ou professores de apoio (Camizão; Conde; Victor, 2021; Freitas; Pizzi, 2022).

Tendo em vista os desafios acima referidos, este estudo, fruto de uma pesquisa de iniciação científica², aborda a temática do ensino de língua inglesa para alunos com deficiência intelectual (DI). Conforme referido por Batista e Santos (2022), trazer à tona essa discussão é relevante pois a língua inglesa é a mais falada no mundo e, assim, oferecer aos alunos com deficiência o acesso a ela é fundamental para inseri-los nos contextos sociais e, além disso, o processo de escolarização desses alunos necessita ser mais compreendido a fim de minimizar os déficits de aprendizagem que há nesse processo.

Com essa problemática, levantamos questões investigativas: 1. como tem ocorrido o ensino de língua inglesa para crianças com deficiência? 2. como se dá a formação do professor de língua inglesa para ensinar crianças com deficiência no contexto da inclusão escolar?

² Financiamento Pibic/CNPq



Delineamos como objetivo geral investigar, por meio de pesquisa bibliográfica, como tem ocorrido o ensino de língua inglesa para crianças com deficiência intelectual. Especificamente, esta investigação visa: identificar os desafios no ensino de língua inglesa aos alunos com deficiência intelectual; conhecer as dificuldades dos professores no ensino dessas crianças dentro da sala de aula e durante sua formação; e reconhecer como o tema do ensino de línguas para crianças com deficiência tem sido abordado nos cursos de licenciatura em Letras.

Além desta introdução, o artigo organiza-se em seções: iniciamos com uma seção teórica, na qual apresentamos as contribuições da perspectiva histórico-cultural para o ensino de crianças com deficiência; em seguida, trazemos os aspectos metodológicos do estudo; a seção seguinte apresenta os resultados e discute o tema ‘O que revelam os estudos sobre o ensino de língua inglesa para alunos com deficiência’. Por fim, nas considerações finais, trazemos uma síntese dos resultados e reflexões sobre a temática abordada na investigação.

2. CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL PARA O ENSINO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA

O estudo fundamenta-se nas proposições de Lev Vigotski³, importante psicólogo do século 20, proponente da teoria histórico-cultural, segundo o qual a base do desenvolvimento humano tem natureza social para todas as crianças, com ou sem deficiência. Sobre as crianças com deficiência, o autor considera que “A criança cujo desenvolvimento é complicado por um defeito não é simplesmente uma criança menos desenvolvida que seus coetâneos normais, mas uma criança desenvolvida de outro modo.” (Vigotski, 2021a, p. 148). E complementa que a deficiência em si não impede que a aprendizagem aconteça, somente deve-se atentar aos instrumentos necessários e caminhos alternativos para sua efetivação pela criança.

Vigotski (2021a) entende que o meio social pode impactar positiva ou negativamente as condições de desenvolvimento de crianças com deficiência. Os elementos que compõem a cultura de uma sociedade se refletem na constituição de seus indivíduos; por isso, no caso das crianças com deficiência, é necessário criar formas culturais singulares que explorem caminhos alternativos de desenvolvimento, focalizando o uso de recursos especiais. A inserção social da criança deve

³ Embora o nome desse autor apareça grafado de diferentes maneiras nas diversas obras de sua autoria, padronizamos sua grafia com base no que recomenda a Associação Brasileira de Normas Técnicas (NBR 6023:2018).



compor diferentes atividades do cotidiano; mas ao citar as instituições educacionais, Vigotski alerta para que se eduque primordialmente a “criança”, e não a criança com deficiência.

Pelas ideias de Vigotski (1997, p. 149), podemos refletir sobre a inclusão de crianças com deficiência na sala de aula, pois o autor, ao tratar da educação delas, afirma que “[...] devem estudar o mesmo que todas as crianças, receber a mesma preparação para a vida futura, de modo a poderem participar, em certa medida, em pé de igualdade com os demais”⁴.

No caso do ensino de língua inglesa, interesse deste estudo, as ideias de Vigotski (2021a) sobre o papel da linguagem no desenvolvimento da criança com deficiência é de suma importância, pois o uso da palavra abrange novos horizontes; com ela e por meio dela se dá voz ou se silenciam indivíduos. O uso da fala permite à criança interagir, aprender, orientar-se, promove o desenvolvimento da linguagem, a interação social e a participação na cultura, além de proporcionar formas de significar o mundo e elaborar o pensamento. Com conhecimento da língua materna, a criança poderá desbravar o aprendizado em outros idiomas, notoriamente o da língua inglesa, uma vez que é a mais utilizada internacionalmente.

Mikhail Bakhtin, estudioso da linguagem e contemporâneo de Vigotski, trata do ensino de línguas estrangeiras, embora não tenha realizado um estudo específico sobre o tema. Segundo ele,

O ponto de vista que defendemos, embora careça de uma sustentação teórica, constitui, na prática, a base de todos os métodos eficazes de ensino de línguas vivas estrangeiras. O essencial desses métodos é familiarizar o aprendiz com cada forma da língua inserida num contexto e numa situação concretas. Assim, uma palavra nova só é introduzida mediante uma série de contextos em que ela figure. O que faz com que o fator de reconhecimento da palavra normativa seja, logo de início, associado e dialeticamente integrado aos fatores de mutabilidade contextual, de diferença e de novidade. A palavra isolada de seu contexto, inscrita num caderno e apreendida por associação com seu equivalente russo, torna-se, por assim dizer, sinal, torna-se uma coisa única e, no processo de compreensão, o fator de reconhecimento adquire um peso muito forte. Em suma, um método eficaz e correto de ensino prático exige que a forma seja assimilada não no sistema abstrato da língua, isto é, como uma forma sempre idêntica a si mesma, mas na estrutura concreta da enunciação, como um signo flexível e variável (Bakhtin, 2006, p. 94-95).

⁴ No original: [...] deben estudiar lo mismo que todos los demás niños, recibir la misma preparación para la vida futura, para que después participen en ella, en cierta medida, a la par con los demás. (Vygotski, 1997, p. 149)

As ideias de Bakhtin (2006) permitem compreender que o aluno, ao aprender uma língua estrangeira, deve se inserir em contextos de imersão no idioma para se familiarizar com a cultura e as particularidades de seu uso no cotidiano, adquirir vocabulário e poder desenvolver diálogos simples. Após este contato inicial com a aprendizagem da língua inglesa, a interação entre os discentes em sala de aula impulsiona o trabalho em equipe e bons relacionamentos.

Com base nesse referencial teórico, a não participação de alunos com deficiência nas atividades junto aos demais alunos da turma acaba mirrando suas possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento. Para Vigotski (2021b), a aprendizagem decorre das relações sociais, das atividades coletivas partilhadas e orientadas. Criar condições para que crianças com DI participem junto com as demais contribui para enriquecer o aprendizado delas e dos colegas, e promove engajamento entre todos, aproximando um dos outros. Vigotski (2001b), sobre a relação entre aprendizagem e desenvolvimento, apresenta o conceito denominado de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que

[...] indica as funções que ainda não amadureceram e encontram-se em processo de amadurecimento, funções que amadurecerão amanhã, que ainda se encontram em estado embrionário; são funções que não podem ser denominadas de frutos, mas de brotos, flores, ou seja, o que está começando a amadurecer (Vigotski, 2021b, p. 190).

O autor esclarece que há dois níveis de desenvolvimento: o real, determinado pela capacidade da criança para resolver tarefas de forma independente, e seu nível de desenvolvimento potencial, que diz respeito àquilo que a criança realiza com o auxílio de adultos ou de colegas mais avançados ou mais experientes. Assim, o proximal é concernente às tarefas que a criança ainda não faz com autonomia, mas pode realizar desde que seja incentivada e auxiliada, e em situações conjuntas de colaboração. Neste artigo, argumentamos que o ensino da língua inglesa para crianças com deficiência deve ser planejado e orientado pelos professores e pares mais capazes. Atividades desenvolvidas de forma colaborativa e significativa são fundamentais para as condições propícias de aprendizagem.

Com a pesquisa bibliográfica, neste artigo investigamos o que revelam os estudos sobre o ensino de língua inglesa para crianças com deficiência intelectual, apresentando caminhos metodológicos da investigação.



3. METODOLOGIA

Este estudo, de cunho qualitativo, se classifica como estudo bibliográfico (Marconi; Lakatos, 2019). Trabalhos desse tipo propõem reunir estudos publicados sob uma mesma óptica e examinar minuciosamente os dados e as informações apresentadas com uma interpretação crítica que exponha argumentos justificativos dos resultados obtidos ao final da pesquisa.

Para a busca dos estudos, elegemos os bancos de dados Portal de Periódicos da Capes, Google Acadêmico e Scielo Brasil. Escolhemos as palavras-chave ‘Educação inclusiva’, ‘Ensino da língua inglesa’, ‘Educação inclusiva no ensino da língua inglesa’ e ‘Deficiência Intelectual’ em diferentes combinações. Como critério de busca, estabelecemos o período entre 2020 e 2023, por se tratar do período mais crítico da pandemia da Covid-19.

No portal de periódicos da Capes, a busca com os descritores ‘Educação inclusiva no ensino de língua inglesa’ e ‘deficiência intelectual’ resultou em oito artigos, que foram lidos. Contudo, destes, apenas um abordou especificamente o ensino de língua inglesa para alunos com deficiência intelectual, enquanto os demais enfocavam a educação inclusiva de modo geral ou apenas a criança com deficiência intelectual, sem referência ao ensino da língua. No portal Google Acadêmico, encontramos 16.500 estudos, pois, inicialmente, consideramos todos os gêneros de texto (artigos em periódicos, trabalhos de conclusão de curso etc.). A partir daí, optamos por ler os títulos dos trabalhos encontrados nas cinco primeiras páginas do site, e escolhemos somente artigos publicados em periódicos ou anais de eventos científicos que se referiam ao nosso tema de interesse. Com isso, sete trabalhos foram selecionados. No banco de dados Scielo Brasil, não encontramos estudos com os descritores utilizados. Ao final, selecionamos oito artigos para análise.

A partir daí, nos inspiramos na proposta de Análise de Conteúdo (Sousa; Santos, 2020) e buscamos organizar os artigos em tópicos: formação docente e desafios ao ensino da língua inglesa para estudantes com deficiência. No decurso da construção de dados, elaboramos uma planilha a fim de organizar as informações sobre cada artigo: título, fonte consultada; ano de publicação, autoria, nome da revista ou dos anais, e objetivo do trabalho. O quadro a seguir apresenta os artigos selecionados para análise:

Quadro 1 – Artigos selecionados para análise

Comentado [A1]: Sugerimos aumentar um pouco mais a fonte da tabela, os caracteres estão pequenos dificultando a leitura

Comentado [A2R1]: Ok, sugestão aceita



Título	Fonte Consultada	Ano	Autores	Nome da revista	Objetivos
Formação de professores de inglês para inclusão de alunos com necessidades intelectuais específicas	Google Acadêmico	2020	Sueli Salle Fidalgo; Márcia Pereira de Carvalho	Anais: 35º Encontro Nacional da ANPOLL	Discutir o processo de ensino-aprendizagem de um aluno com deficiência intelectual no ensino da língua inglesa.
A formação de professores de línguas e de língua inglesa para a educação inclusiva	Google Acadêmico	2020	Carla Cristina Gaia dos Santos	Versalete	Investigar avanços e lacunas em pesquisas sobre a temática de formação de docentes de língua inglesa para o trabalho com a Educação Inclusiva.
Crianças com deficiência e a aprendizagem de línguas estrangeiras: contribuições e reflexões	Google Acadêmico	2021	Marcos Venício Esper	Construção Psicopedagógica	Discutir e refletir sobre como crianças com transtorno mental ou deficiência intelectual aprendem uma língua estrangeira.
O ensino da língua inglesa para alunos com deficiência intelectual: uma investigação literária	Google Acadêmico	2021	Thiago de Aquino Mozer; Rogério Drago; Israel Rocha Dias	Artefactum – Revista de estudos em linguagem e tecnologia	Investigar, por meio da bibliografia, como se dá o processo de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa por alunos com Deficiência Intelectual matriculados nos anos finais do ensino fundamental.
O impacto da pandemia no ensino de língua inglesa na educação inclusiva	Google Acadêmico	2021	Gabriela de Souza Paim	Research, Society & Development	Descrever como foi desenvolvido o ensino de língua inglesa com alunos especiais em casa de modo remoto, durante o isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19 em 2020.
Inclusão no ensino da língua inglesa: uma revisão bibliográfica	CAPES	2022	Gleisiane Silva Batista; Sanadia Gama dos Santos	Diversitas Journal	Investigar o que os resultados sobre a produção de pesquisas científicas revelam em relação à inclusão no ensino de Língua Inglesa.
A importância das tecnologias digitais assistivas aliadas ao trabalho do professor de língua inglesa com alunos público-alvo da educação especial	Google Acadêmico	2022	Simone Carloto Frasson; Valeria Iensen Bortoluzzi; Taís Steffenello Ghisleni	Research, Society & Development	Refletir sobre o uso de Tecnologias Assistivas como ferramentas de apoio ao trabalho do professor de língua inglesa que conta, em sua sala de aula, com alunos público-alvo da Educação Especial.
Língua inglesa e deficiência intelectual: o que os professores têm a nos dizer?	Google Acadêmico	2023	Thiago de Aquino Mozer; Rogério Drago; Israel Rocha Dias	Artefactum – Revista de estudos em linguagem	Analisar a importância da relação entre o professor regente de língua inglesa e o professor do AEE.

Título	Fonte Consultada	Ano	Autores	Nome da revista	Objetivos
				e tecnologia	

Fonte: as autoras

Os artigos selecionados foram lidos na íntegra. Inicialmente, fizemos uma leitura flutuante para entrar em contato com o texto. Em seguida, uma leitura mais atenta para identificar os temas dos artigos e, então, a análise em consonância com as proposições de Vigotski, isto é, uma análise explicativa, referente a seus estudos sobre deficiência.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a pesquisa bibliográfica, tendo em vista os critérios de seleção elencados, encontramos oito artigos sobre o ensino da língua inglesa para crianças com deficiência intelectual.

Os estudos foram organizados pelas temáticas prevalentes e, também, pela natureza da pesquisa: bibliográfica ou empírica. Dos oito artigos, três são estudos empíricos e cinco bibliográficos. As temáticas prevalentes são: práticas e estratégias pedagógicas (cinco estudos), formação docente (um estudo) e aprendizagem da língua inglesa (dois estudos).

4.1. As práticas e estratégias pedagógicas

O estudo de Fidalgo e Carvalho (2020) teve como objetivo discutir o processo de ensino-aprendizagem de um aluno com deficiência intelectual no ensino da língua inglesa. Foi realizado no contexto de um projeto de pesquisa de natureza colaborativa, envolvendo a parceria entre pesquisadores de uma universidade e professores e alunos de uma escola pública. O texto relata as reuniões entre a pesquisadora responsável pela pesquisa, uma aluna da escola, estudante do Ensino Médio e bolsista de iniciação científica, e a professora regente de inglês. Nos encontros, elas discutem propostas pedagógicas para ensinar a língua inglesa ao aluno com deficiência intelectual, também estudante do Ensino Médio.

As autoras constataram a importância da observação do professor para perceber as dificuldades, facilidades e formas de aprendizado do aluno com deficiência intelectual para, ao



planejar suas aulas, levá-las em consideração, assim como as atividades/hobbies de que o discente gosta e se identifica para reter sua atenção ao aprender a língua.

Estratégias utilizadas pelas pesquisadoras e pela professora regente – como envolver o ensino da língua inglesa nas atividades de interesse do aluno – contribuíram para que ele apresentasse alguns progressos no aprendizado. Tal fato nos leva a refletir sobre a importância do outro no processo de aprendizagem de crianças com DI. Vigotski (2021a) argumenta que, na criança com deficiência, é fundamental que as atividades sejam organizadas em colaboração e que sejam significativas. Assim, o interesse do aluno parece oferecer um caminho profícuo de aprendizagem, pois como diz Vigotski, se faz necessário que a escola considere trabalhar as mesmas metas educacionais e buscar, sempre que necessário, caminhos alternativos e recursos auxiliares para garantir o acesso ao conhecimento escolar de crianças com deficiência.

Ao discutir a educação inclusiva no cenário pandêmico, o estudo de Paim (2021) optou por investigar como foi desenvolvido o ensino de língua inglesa de modo remoto com alunos com deficiência, diante do isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19 em 2020. A metodologia empregou uma abordagem de pesquisa qualitativa e de estudo empírico, e cinco pais de alunos com deficiência foram entrevistados online. Os resultados destacam os seguintes temas: (1) muitos são melhores do que um na educação em casa durante o isolamento; (2) das lutas com a transição para o cultivo de novas atividades; (3) nova realidade social em preparação para o período pós-pandêmico; (4) todas as formas de educação em casa são essenciais; e (5) famílias encorajando famílias nestes tempos difíceis.

Com base nas discussões durante as entrevistas, a pesquisadora relaciona o uso das tecnologias e a abordagem cognitivista. Os estudos do cognitivismo ajudam os professores a compreenderem como as pessoas aprendem e como ensinar de forma mais eficaz. Ao ser aplicado na aprendizagem virtual, torna-se possível utilizar aplicativos de aprendizagem adaptativos e personalizados, inteligência artificial, análises de aprendizagem etc. É importante fornecer conteúdo que seja adequado às habilidades cognitivas dos alunos, como textos, imagens e multimídia (Paim, 2021).

As ferramentas citadas, aliadas à atual tecnologia, tornam o ensino de língua inglesa interessante e proveitoso, tanto no ensino a distância como na volta do presencial. A educação pós-pandêmica incrementou a tecnologia nas salas de aula, o que acelerou um processo inevitável e fez

com que os professores seguissem à procura de novos instrumentos tecnológicos e meios de os implementar nas escolas.

O estudo de Paim (2021) destaca o papel das tecnologias para a aprendizagem de alunos com deficiência, especialmente no contexto pandêmico. Porém, em consonância com as ideias de Vigotski (1997, 2021a), compreendemos que, além das tecnologias, é preciso que o professor tenha uma intencionalidade pedagógica e busque meios de interagir com os alunos, pois a aprendizagem é fruto das relações sociais mediadas por instrumentos e signos. Ademais, não podemos perder de vista que em um contexto de desigualdade social, como é o caso do Brasil, o acesso às tecnologias também é bastante desigual. Souza e Dainez (2020, p. 11), ao discutirem o impacto do ensino remoto emergencial durante a pandemia para estudantes com deficiência, constataam que

[...] o ensino remoto não equivale ao ensino presencial, seja pelas precárias condições de vida dos professores, alunos e seus familiares, de acesso, de realização das atividades no ambiente doméstico, de ajustes às especificidades e às singularidades de cada aluno, bem como pelo limite que a ferramenta tecnológica impõe sobre as formas de interação e mediação pedagógica. Esses fatores agudizam as desigualdades educacionais historicamente presentes no sistema de educacional brasileiro.

A pesquisa de Batista e Santos (2022), de cunho bibliográfico, objetivou buscar resultados sobre o que a produção de pesquisas científicas revela em relação à inclusão no ensino de língua inglesa, e meios de colaborar para o conhecimento da problemática em questão, trazendo contribuições para a educação inclusiva no Brasil e ampliando reflexões em torno do ensino de língua inglesa em prol de atender as demandas dos estudantes com deficiência, professores e profissionais.

Os estudos analisados pelas pesquisadoras não revelaram avanços importantes sobre a inclusão de alunos com deficiência intelectual, porém apontaram possíveis caminhos para o ensino da língua inglesa. As autoras enfatizaram a importância desse aprendizado para todos, constatando que o ensino do idioma para alunos com deficiência é possível. Para isso, é necessário que os envolvidos com o ensino busquem conhecer as singularidades de alunos com DI e reconheçam o mundo que eles podem desbravar como aprendizes dessa língua. Os resultados também apontaram lacunas quanto às ações em prol da inclusão, expondo que, com a globalização e os avanços tecnológicos, a educação ganhou uma autonomia de grande proporção. No entanto, o mundo depara-se com uma educação cada vez mais defasada, com falhas e incompletudes, que precisa de

mudanças para garantir o direito de aprender a todos, favorecendo cada vez mais caminhos para alunos(as) com deficiência.

Os achados de Batista e Santos (2022) também abordaram as frustrações de educadores ao se deparar com um aluno com deficiência, estando despreparados e sem mesmo o suporte de materiais, ambientes que promovam a inclusão ou que a facilitem. Há ainda a necessidade urgente de ajudar o professor por meio de formações e motivando-o a buscar formas de incluir o aluno. Os resultados encontrados no estudo de Batista e Santos (2022) vão ao encontro do que foi apontado por Michels (2021) e Santos (2023) acerca da problemática da formação docente, tanto inicial como continuada.

O estudo realizado por Frasson, Bortoluzzi e Ghisleni (2022) visou apresentar uma reflexão sobre o uso de Tecnologias Assistivas (TA) como ferramenta de apoio ao trabalho do professor de língua inglesa que tenha alunos público-alvo da Educação Especial em sua sala de aula. Foi realizada uma análise das TA utilizadas pelos docentes e um levantamento das tecnologias disponíveis para contribuir no trabalho do educador. A metodologia fundamentou-se na abordagem qualitativa e bibliográfica, pautando-se em estudos de referenciais teóricos. A investigação possibilitou conhecer o cenário das pesquisas sobre as tecnologias assistivas e os resultados positivos de seu uso na melhora da qualidade de vida dos alunos com deficiência.

As pesquisadoras não encontraram nenhuma tecnologia assistiva relacionada ao ensino de língua inglesa. Entretanto, para elas, as TA existentes podem ser adaptadas para esse fim pelos professores da disciplina. Dentre as possibilidades, as autoras citam: prancha de comunicação alternativa, equipamentos de voz, aparelhos auditivos, sistemas de alerta tátil-visual, teclados ampliados para o aluno com deficiência visual e filmes. Tal constatação das autoras nos remete às proposições de Vigotski (2021a), quando discute a importância para um educador ao conhecer as especificidades do desenvolvimento da criança com deficiência; só assim, poderá saber por qual via e com quais recursos poderá conduzir a criança.

O estudo de Mozer, Drago e Dias (2023) analisou a importância da relação entre professores regentes da disciplina de língua inglesa e professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) no apoio a alunos com deficiência intelectual nas salas de aula dos docentes regentes. O estudo qualitativo foi realizado com cinco professores de língua inglesa por meio de entrevista semiestruturada em meio virtual, em razão do momento da pandemia causada pelo coronavírus (Covid-19). Ao discorrerem sobre suas práticas pedagógicas, os professores revelam

que utilizam diferentes recursos, tais como: jogos com figuras e palavras em inglês, imagens para compreensão do contexto, frases curtas, aplicativos de ensino de idioma, atividades lúdicas, debates em inglês entre os colegas com e sem deficiência. Os achados deste estudo nos permitem considerar que esses professores estão buscando meios e recursos auxiliares para possibilitar aos alunos com deficiência o acesso ao conhecimento da língua inglesa. Para os professores entrevistados, celulares, tablets, computadores e videogames fazem parte do universo das crianças atualmente, assim eles inovam e apresentam possibilidades de ensino mais atrativas.

Um dos professores entrevistados leva em consideração as necessidades de cada aluno, como medicação, terapia e até mesmo uma rotina, e diz fazer adaptações das atividades. Especialmente no caso desse professor, consideramos sua prática orientada mais pela condição orgânica do aluno com deficiência do que pela busca das possibilidades. A problemática da adaptação curricular que, em geral, acaba se transformando em tarefas descontextualizadas e sem sentido para os alunos com deficiência, vem sendo discutida por autores, tais como o estudo de Freitas, Dainez e Monteiro (2022, p. 333). Com base nas proposições da teoria histórico-cultural de Vigotski, as autoras argumentam que as adaptações curriculares têm levado a uma modificação nos modos de se referir ao currículo, “[...] contudo os sentidos transitam entre um ensino homogêneo e instrumental ajustado em práticas curriculares reduzidas, com facilitação de tarefas e atividades referenciadas em objetivos mínimos que não atingem o desenvolvimento humano”.

4.2. Estudo que aborda a formação docente

O trabalho de Santos (2020) investigou avanços e lacunas em pesquisas sobre a temática de formação de docentes de língua inglesa para o trabalho com a educação inclusiva. Trata-se de um estudo bibliográfico com consulta às pesquisas publicadas nos anais do VI Congresso Latino-Americano de Formação de Professores de Línguas (CLAFPL). Os resultados mostraram que a maioria das pesquisas apresentadas no congresso abordam a língua e a literatura inglesa em detrimento de outras. Em relação aos tipos de deficiência focalizados nos trabalhos do evento, a autora constatou que 81% abordam a deficiência auditiva e a visual; 11% não enfocam uma especificidade, 4% observaram a dislexia, e mais 4% a síndrome de Asperger. Registra-se o pouco interesse nas pesquisas específicas sobre deficiência intelectual. A autora também destaca o baixo número de pesquisas sobre a educação inclusiva, considerando os trabalhos publicados no evento:



apenas 3% dos 1.074 trabalhos publicados nos anais. Ela reflete que é preocupante o fato de os temas da formação de professores e o ensino de língua inglesa para alunos com deficiência não receberem destaque ou serem de interesse de pesquisadores em um congresso voltado à formação docente para o ensino de línguas. Os poucos trabalhos encontrados reportaram práticas e relatos de experiência.

Os achados de Santos (2020) permitem refletir sobre a formação docente para lidar com alunos com deficiência, que tem ocorrido de forma aligeirada, com pouco incentivo à formação continuada, conforme apontam as pesquisas de Michels (2021) e Santos (2023).

4.3. Estudos que abordam os processos de aprendizagem

Em seu artigo, Esper (2021) propõe uma discussão acerca de como crianças com transtorno mental ou deficiência intelectual aprendem uma língua estrangeira. Trata-se de um estudo teórico-reflexivo baseado em artigos e publicações científicas acerca da temática. O pesquisador se apoia em duas abordagens teóricas: a primeira relaciona déficits fonológicos dos estudantes com dificuldades para aquisição de uma segunda língua. Eles defendem que, para ajudar esses alunos, o sistema de som da língua-alvo deve ser ensinado de maneira muito explícita, isto é, os sons precisam ser apresentados de maneira muito estruturada, com muita prática visual, cinestésica e tátil. A segunda abordagem diz respeito à adaptação das aulas de inglês para métodos de ensino conhecidos por serem eficazes junto a alunos com deficiência. Isso envolve alterações, como reduzir o programa ao essencial, diminuir o ritmo da instrução, minimizar a demanda por vocabulário, revisar constantemente e incorporar estímulo máximo e suporte multissensorial (visual, tátil, cinestésico).

As proposições do autor são contrárias às ideias de Vigotski (2021a; 2021b), pois sugerem a individualização das aulas para alunos com deficiência e a simplificação de tarefas, não um trabalho colaborativo com atividades significativas para todos os alunos da sala de aula. As proposições vigotskianas ressaltam o papel fundamental do professor na mediação do processo de ensino-aprendizagem, inserindo o aluno em práticas sociais envolvendo instrumentos e signos.

Mozer, Drago e Dias (2021) investigaram, por meio de estudo bibliográfico, o processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa por alunos com DI matriculados nos anos finais do ensino fundamental. Para a consulta, os autores utilizaram o banco de dissertações e teses da Capes, artigos

publicados na Revista de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria e o banco de dados da Universidade Federal do Espírito Santo.

Os autores não encontraram trabalhos acadêmicos na área educacional voltados para o ensino da língua inglesa a pessoas com deficiência intelectual em escolas comuns. Eles refletem que esse estudo está inserido na grade curricular das escolas de educação básica atendendo todos os alunos; assim, é necessário que este ensino abranja os alunos com deficiência intelectual, possibilitando seu desenvolvimento e garantindo a qualidade do ensino. Com essa constatação e com base nas proposições de Vigotski, os autores discutem alguns modos de trabalho do professor de língua inglesa: atualização constante, criatividade, abordagem do conteúdo de diversas maneiras e com diferentes instrumentos pedagógicos (músicas, videoaulas, jogos e atividades colaborativas entre os alunos da sala), pois tais recursos podem incentivar a participação dos alunos com DI.

Tais discussões nos remetem ao modo como Vigotski (2021b) concebe a relação entre aprendizagem e desenvolvimento. Para o autor, o desenvolvimento é fruto da aprendizagem, que acontece quando aos alunos são oferecidas atividades em práticas colaborativas e mediadas por diferentes instrumentos semióticos. Ele prioriza a aprendizagem construída nas relações sociais, enfatizando as interações entre educador e aluno, e entre os próprios alunos. A qualidade das interações é essencial para todos, sobretudo para aquelas crianças com deficiência que passam pelo processo de inclusão. Vigotski (2021b, p 170) explica: “[...] os processos de instrução despertam na criança uma série de processos de desenvolvimento interno, despertam no sentido de que os incitam à vida, os põem em movimento, dão partida a eles”. Assim, consideramos que o ensino de língua inglesa para alunos com deficiência é possível, mas precisa ser planejado considerando as especificidades de cada aluno e tendo em conta que a aprendizagem é um processo dinâmico que só ocorre nas relações significativas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentamos resultados de uma pesquisa de iniciação científica com o objetivo geral de investigar como tem ocorrido o ensino de língua inglesa para crianças com deficiência intelectual, e traçamos três objetivos específicos. Os achados permitem concluir que são muitos os desafios para ensinar a língua inglesa a alunos com deficiência, especialmente encontrar melhores estratégias e recursos para promover uma aprendizagem significativa para os alunos com

Comentado [A3]: Não seria o caso de colocar a paginação? Como já vem fazendo anteriormente?

Comentado [A4R3]: ok

deficiência. Os estudos revelam que professores parecem ter dificuldade em elaborar atividades com sentido para esses alunos, revelando pouca experiência com este público específico. Por fim, os estudos que analisamos não abordaram essencialmente o ensino de línguas para crianças com deficiência nas licenciaturas em Letras, o que parece um indício de que nas formações iniciais ainda não haja conteúdos específicos para o ensino no contexto da educação inclusiva.

Constatamos também que a maioria dos estudos abordam as deficiências de modo geral, mas não especificamente a deficiência intelectual, o que revela a necessidade de mais investigações com este foco. O achado nos faz questionar se o tema é de interesse de pesquisadores ou se crianças com DI não têm tido acesso à língua inglesa, o que poderia justificar os poucos estudos que o abordam. Além disso, conforme detectamos, a maioria das pesquisas selecionadas para análise são de natureza bibliográfica. Isso, por um lado, atesta a necessidade de investir em pesquisas empíricas que focalizem as relações de ensino entre professores de língua inglesa e alunos com deficiência intelectual e, por outro, torna-se uma limitação de nossa investigação, pois as pesquisas que encontramos não nos permitiram conhecer como, de fato, tem ocorrido o ensino para estes alunos.

Os estudos analisados nos permitem refletir sobre a busca de caminhos de aprendizagem para todos os alunos, o que implica em políticas públicas efetivas em prol de uma educação verdadeiramente inclusiva. Por fim, salientamos a importância da formação inicial e continuada de professores, com foco nas condições e possibilidades desenvolvimentais das pessoas com deficiência.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006, p.94-95.

BATISTA, Gleisiane Silva; SANTOS, Sanadia Gama dos. Inclusão no Ensino da Língua Inglesa: uma revisão bibliográfica. **Diversitas Journal**, Santana do Ipanema v.7, n.3, 2022. Disponível em: https://www.diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/2083. Acesso em 31 ago. 2023.

CAMIZÃO, Amanda Costa; CONDE, Patrícia Santos; VICTOR, Sonia Lopes. A Implementação do Ensino Remoto na Pandemia: qual o lugar da educação especial? **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 47, e245165, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/ftkkwwZtMh4VgHymv5G5WHD/#>. Acesso em 17 nov. 2023.

ESPER, Marcos Venício. Crianças com Deficiência e Aprendizagem de Línguas Estrangeiras: contribuições e reflexões. **Revista Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v.29 n.30, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542021000100003. Acesso em 04 set. 2023.

FIDALGO, Sueli Salles; CARVALHO, Márcia Pereira de. Formação de Professores de Inglês para a Inclusão de Alunos com Necessidades Intelectuais Específicas. **Anais do XXXV ENANPOLL**, online, 2020. Disponível em: <https://anpoll.org.br/enanpoll-2020-anais/resumos/digitados/0001/PPT-eposter-trab-aceito-0955-1.pdf>. Acesso em 05 set. 2023.

FRASSON, Simone Carlotto; BORTOLUZZI, Valeria Jensen; GHISLENI, Taís Steffenello. A Importância das Tecnologias Digitais Assistivas aliadas do Trabalho do Professor de Língua Inglesa com Alunos Público-Alvo da Educação Especial. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 11, n. 1, e59711125469, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/25469/22233/296959> Acesso em 08 set. 2023.

FREITAS, Ana Paula de; DAINEZ, Débora; MONTEIRO, Maria Inês Bacellar. Escolarização de alunos com deficiência: o ensino fecundo como via de possibilidade. **Revista Iberoamericana de Educação**, Araraquara, v. 17, n. 1, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riace.v17i1.14302>. Acesso em 18 mai. 2024.

FREITAS, Ana Paula de; PIZZI, Francieli Caroline. O que as Narrativas de Crianças com Deficiência revelam sobre suas Vivências Escolares no Cenário da Pandemia da Covid-19?. **Revista Horizontes**, v. 40, n. 1, p. e022053, 2022. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1431>. Acesso em: 07 nov. 2023.



GOMES, Daiane dos Santos; MACHADO, Keyla Cristina da Silva. Educação inclusiva em uma escola do campo de Teresina (PI): da sala regular ao atendimento educacional especializado (AEE). **Cadernos Cajuína**, v. 5, n. 3, p. 193-208, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.52641/cadcaj.v5i3.421>. Acesso em: 28 mai. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

MICHELS, Maria Helena. Formação do Professor de Educação Especial no Brasil. In: **Anais da 40ª Reunião Nacional da ANPEd**, 2021. Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/gt15-trabalho_encomendado_40rn.pdf. Acesso em 20 nov. 2023.

MOZER, Thiago de Aquino; DRAGO, Rogério; DIAS, Israel Rocha. O ensino da língua inglesa para alunos com deficiência intelectual: uma investigação literária. **Artefactum – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 01/2021. Disponível em: <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/2032>. Acesso em 05 set. 2023.

MOZER, Thiago de Aquino; DRAGO, Rogério; DIAS, Israel Rocha. Língua inglesa e deficiência intelectual: o que os professores têm a nos dizer?. **Artefactum – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia**, Rio de Janeiro, v.22, n.1, 2023. Disponível em: <http://www.artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/viewFile/2123/1015>. Acesso em 04 set. 2023.

PAIM, Gabriela de Souza. O Impacto da Pandemia no Ensino de Língua Inglesa na Educação Inclusiva. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista v. 10, n. 8, e6710817118, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/17118/15242/216825>. Acesso em 06 set. 2023.

SANTOS, Carla Cristina Gaia dos. A formação de professores de línguas e de língua inglesa para a educação inclusiva. **Revista Versalete**, Curitiba, v. 8, n. 15, jul.-dez. 2020 Disponível em: <http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol8-15/3-SANTOS.-Carla-Cristina-Gaia.-A-formacao-dos-professores.pdf>. Acesso em 11 set. 2023.

SANTOS, Paula Waldomiro dos. **A formação dos professores de educação física na atuação com estudantes com deficiência**. Dissertação (mestrado em educação) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco, Itatiba, 2023.

SAVIANI, Dermeval. Sobre a natureza e especificidade da Educação. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 7, n. 1, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/13575>. Acesso em 18 mai. 2024



SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos Santos. Análise de Conteúdo em Pesquisa Qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p.1396-1416, jul-dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/31559>. Acesso em: 13 set.2023.

SOUZA, Flávia Faissal; DAINEZ, Débora. Educação Especial e Inclusiva em tempos de pandemia: o lugar de escola e as condições do ensino remoto emergencial. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.16303.093>. Acesso em: 18 mai. 2020

VIGOTSKI, Lev S. **Fundamentos de Defectologia. Obras completas. Tomo V**. Havana: Pueblo y Educación, 1997, 283 p.

VIGOTSKI, Lev S. **Problemas de defectologia**, v. 1. São Paulo: Expressão Popular, 2021a.

VIGOTSKI, Lev S. **Psicologia, Educação e Desenvolvimento: escritos de L. S. Vigotski**. São Paulo: Expressão Popular, 2021b.